

## O SERTÃO E AS MULHERES N'O QUINZE DE RACHEL DE QUEIROZ

### WOMEN AND THE BACKLANDS IN RACHEL DE QUEIROZ'S O QUINZE

Régia Agostinho da Silva\*

**RESUMO:** O objetivo deste artigo é discutir as representações do sertão e das mulheres no romance *O Quinze*, de Rachel de Queiroz. Partindo do conceito de representação de Roger Chartier e da história cultural, procura-se compreender as discussões que Rachel de Queiroz construiu em seu romance, pensando a natureza e as mulheres como personagens ambíguos, entre permanências e rupturas, tradições e modernidades. A natureza pensada como espaço bucólico e de força revitalizadora e, também, como espaço de atraso e primitivismo. As mulheres como vanguardistas e determinadas, mas ainda presas aos pensamentos machistas e misóginos que as cercavam.

**PALAVRAS- CHAVE:** Sertão. Mulheres. Representação.

**ABSTRACT:** The goal of this article is to discuss the representations of the wilderness and the women in the novel *O Quinze*, by Rachel de Queiroz. Starting from the Roger Chartier's concept of representation and cultural history, the paper seeks to understand the discussions that Rachel de Queiroz built in her novel, thinking of nature and women as ambiguous characters, between permanencies and ruptures, traditions and modernities. The nature seen as bucolic space and of revitalizing force and also as space of delay and primitivism. Women as avant-garde and determined, but still stuck to the machismo and misogynist thoughts that surrounded them.

**KEYWORDS:** Sertão. Women. Representation.

### Introdução

Rachel de Queiroz causou espanto ao lançar, com seus próprios recursos, o romance *O Quinze*, no ano de 1930. Nascida na cidade de Fortaleza, em 1910, contava apenas vinte anos quando publicou seu romance de estreia. Com uma história aparentemente simples, narra o enlace amoroso da professora Conceição com o vaqueiro Vicente, e também a história de Chico Bento e sua família como retirantes da seca. Causou espanto, pois, além de ter sido um romance escrito por uma mulher, tratou-se de uma temática considerada séria.<sup>90</sup>

A literatura feita por mulheres já existia desde o século XIX e algumas já atuavam pelos jornais na década de 1920. A própria escritora já publicava seus versos e textos no jornal *O Ceará*, desde 1928. No entanto, a literatura feita por mulheres nunca tinha sido levada a sério. Isso não significa que não existiam escritoras de qualidade que já tivessem abordado temáticas sociais consideradas complexas, como foi o caso de Emília Freitas, que

---

\* Professora do Departamento de História da Universidade Federal do Maranhão. Doutora em História pela Universidade de São Paulo.

<sup>90</sup> A fortuna crítica sobre Rachel de Queiroz e *O Quinze* é extensa. Apenas para citarmos os trabalhos mais clássicos apontamos: Hollanda, 1997; Duarte, 2005; Chiappini, 2002; Barbosa, 1999; Adonias Filho, 1969; Houaiss, 1992; Martins, 1997. Interessante também é a dissertação de mestrado de Gilberto Gilvan Souza de Oliveira onde o autor faz uma discussão sobre a circulação e a produção do romance *O Quinze* pela Livraria José Olympio, trabalhando dessa forma o romance sob uma nova perspectiva tratando da história das diferentes edições. Ver: Oliveira, 2017.

produziu *A rainha do Ignoto* (1899), texto abolicionista, republicano e espírita. Também, tivemos Maria Firmina dos Reis, com seu livro *Úrsula* (1859), romance claramente antiescravista, em pleno auge da escravidão, numa das províncias mais escravocratas do Brasil, a saber, Maranhão (MUZART, 1999).

No entanto, a escrita feminina não era muito respeitada. É preciso ressaltar que algumas mulheres se aventuraram a escrever seus versos em jornais do século XIX e XX, porém, muitas vezes, compraziam-se em escrever textos adocicados, sentimentais, sobre flores, borboletas e amores galantes. A temática social, os temas considerados políticos pareciam pertencer a uma literatura considerada masculina. Falar politicamente era atividade de homens, de uma racionalidade que por muito tempo era pensada como domínio do masculino.

O espanto que Rachel de Queiroz causou foi tamanho que alguns críticos chegaram a duvidar de sua fala, da autenticidade de sua voz. Frederico Schmit chegou a afirmar:

Nada há no livro de D. Rachel de Queiroz que lembre, nem de longe, o pernosticismo, a futilidade, a falsidade da nossa literatura feminina. É o livro de uma criatura simples, grave e forte, para quem a vida existe. É que não tem apenas a compreensão exterior da vida. Livro que surpreende pela experiência, pelo repouso, pelo domínio da emoção- e isso a tal ponto que estive inclinado a supor que D. Rachel de Queiroz fosse apenas um nome escondendo outro nome. (SCHMIDT apud BUENO, 2006, p. 133.).

Qualificativos como futilidade, falsidade, pernosticismo configuravam o que era considerado o domínio do mundo feminino, cuja literatura tinha a mesma adjetivação. A gravidade, a força, a seriedade pareciam pertencer somente ao universo masculino, pelo menos é o que se percebe no olhar de Frederico Schmit, que, de certa forma, representava a atmosfera cultural daquele tempo, para quem a literatura feita por mulheres poderia ser tudo, menos política e racional.

Igual impressão teve Graciliano Ramos já em 1937:

*O Quinze* caiu de repente ali por meados de 30 e fez nos espíritos estragos maiores que o romance de José Américo, por ser livro de mulher e, o que na verdade causava assombro, de mulher nova. Seria realmente de mulher? Não acreditei. Lido o volume e visto o retrato no jornal, balancei a cabeça: - Não há ninguém com este nome. É pilhéria. Uma garota assim fazer romance! Deve ser pseudônimo de sujeito barbado. Depois conheci *João Miguel* e conheci Rachel de Queiroz, mas ficou-me durante muito tempo a ideia idiota de que ela era homem, tão forte estava em mim o preconceito que excluía as mulheres da literatura. Se a moça fizesse discursos e sonetos, muito bem. Mas escrever *João Miguel* e *O Quinze* não me parecia natural. (RAMOS apud BUENO, 2006, p. 133).

A escrita de Rachel de Queiroz não se coadunava com aquilo que era esperado do texto feminino. A forma, o tema, a gravidade e a força de sua escrita não casavam com aquilo que se pensava ser inerente ou natural ao mundo feminino: a docilidade, a leveza, a futilidade e a irracionalidade.

É bem verdade que no Brasil dos anos 1920 e 1930 já se ensaiava outro discurso sobre o feminino. Eram tempos de o Brasil civilizar-se, da mulher ser pensada de outra forma, estar presente nos discursos. A moda também se transformava, modificando a vestimenta feminina, transformando os costumes. Os mesmos jornais que traziam textos adocicados feitos por mulheres também conclamavam suas transformações, principalmente as de classe média e burguesas, para que pudessem ter maior atuação. Já em 1932, Bertha Lutz e grupos de feministas conquistaram o direito ao voto para as mulheres. O período no qual Rachel de Queiroz publicou o seu romance e conseguiu notoriedade era diferente daquele em que Emília Freitas e Maria Firmina escreveram. Foi possível a Rachel de Queiroz existir e se fazer notar nacionalmente, não apenas porque já tínhamos uma

literatura e uma determinada crítica literária consolidada no Brasil, mas também porque o olhar sobre as mulheres também se modificara. Não é à toa que a própria escritora destaque em seus romances a questão feminina, embora Rachel de Queiroz tenha, por toda a sua vida, negado ser feminista. Dizia-se de si mesma ser uma anarquista doce, nos últimos anos de vida (QUEIROZ; QUEIROZ, 1998). Embora devamos desconfiar, já que a autobiografia é um gênero ao qual devamos ficar atentos, visto que muito do que o sujeito diz sobre si mesmo deva ser alvo de questionamento por parte dos historiadores, como bem aponta Natalia de Santana Guerellus em sua tese de doutorado a respeito da trajetória de Rachel de Queiroz onde analisa a autobiografia da autora (GUERELLUS, 2015).

De doce seu *O Quinze* pouco tinha. Era romance social, talvez não tanto como a explosão de *Capitães de areia* (1937), de Jorge Amado, mas ainda assim era romance social, destinado a falar sobre a seca, sobre as mazelas que assolavam a região em que nascera. Era um sertão e um Nordeste que, como pensa Durval Muniz de Albuquerque, Rachel de Queiroz ajudou a inventar:

Podemos dizer, pois que Rachel de Queiroz se situa a meio caminho entre a construção do Nordeste como um espaço da tradição, um espaço da saudade do mundo do sertão dos seus antepassados, e o Nordeste como espaço da revolução social, como espaço antiburguês, ponta de lança de uma transformação social mais profunda no país, por seu grau de injustiças e misérias. Vive ela claramente os conflitos de uma geração suspensa entre o desabar dos territórios tradicionais e os vários projetos de reterritorialização que marcam a década de trinta. Uma nova sociedade que destruía o mundo natural. Mundo que a autora “via sumir-se, no nevoeiro dourado da noite, passando a galope, como um fantasma, por entre o vulto sombrio dos serrotes”. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 164-65).

O lugar social que a autora ocupava, ao publicar *O Quinze*, de fato, não era o tipo de lugar ocupado por mulheres pobres, e nem da maioria das cearenses e brasileiras. Menina letrada, filha de fazendeiro e já com relativa rede de contatos que a permitiram, por exemplo, escrever para alguns jornais cearenses, Rachel de Queiroz não era uma pária social quando lançou seu livro.

Rachel já participava ativamente da jovem intelectualidade cearense do período, junto com Djacir Menezes, Moesia Rolim, Hyder Correa Lima e Jader de Carvalho. Formada na Escola Normal como professora em 1925, começou a escrever crônicas e poemas de caráter modernista no jornal *O Ceará* sob o pseudônimo de Rita de Queluz. Em 1928, entrou em uma polêmica jornalística por defender as ideias da pensadora feminista e anarquista Maria Lacerda de Moura que, a seu convite, publicou um texto no jornal *O Ceará* que veio a gerar críticas junto ao cronista Políbio (pseudônimo de Teodoro Cabral) do jornal *A Gazeta de Notícias* (GUERELLUS, 2015; FERREIRA, 2015).

Porém, isso não quer dizer que também não tenha vivido percalços por ser uma mulher escritora. Esse tom de uma “geração suspensa” também tomava a escritora, e talvez por isso Luís Bueno qualifique *O Quinze* como um romance entre “novidade e velharia” (BUENO, 2006, p.124). Novo na escrita, na linguagem, velho talvez no tema, no lugar no qual a autora se colocava, vendo a seca como um flagelo da natureza e não necessariamente como uma questão de fundo social. O lugar que Rachel de Queiroz ocupava estava meio suspenso, visto que ela estava dividida entre o novo e velho, a modernidade e a tradição. Rachel de Queiroz não conseguiu, pelo menos n’*O Quinze*, romper com algumas amarras de seu próprio lugar social: filha de fazendeiro, classe média, moça culta e professora, para qual a seca e suas consequências eram fruto da própria natureza e ou da falta de senhores paternalistas que cumprissem o seu dever, no caso, desamparando seu povo diante da tragédia.

A própria escritora, em depoimento que deu à *Revista Letras de Hoje*, em 1987, afirmou que sabia da seca pelo que havia ouvido dizer:

Isso conto para explicar que, ao escrever o livrinho, eu nunca vira uma seca com os meus próprios olhos. Mas a tradição local era tão forte, a lembrança em todos tão presente, os relatos repetidos com tanta frequência, as referências ao flagelo tão cotidianas (“aqui no açude, onde a água está dando duas braças, foi que o povo cavou cacimba no *Quinze*”, “este rebolado de mandacaru não sei como escapou- foi cortado até a raiz no Dezenove, para rama do gado”, “esse menino véio é assim movido porque nasceu na seca, coitado”...). (QUEIROZ, 1987, p. 36).

Dito isto, sabemos que o lugar social que Rachel de Queiroz ocupou ao falar da seca de 1915, em *O Quinze*, é fruto do olhar de quem não viveu a seca como tragédia própria, mas que esteve ao lado daqueles que vivenciaram isso, como fazendeiros, donos de terra, senhores paternalistas e por matriarcas. Rachel de Queiroz não era uma matriarca, mas também não estava completamente apartada do mundo paternalista da fazenda. Ela mesma conta que, assim como a mãe e as tias, chegou a ajudar os flagelados das secas nos campos de concentração em Fortaleza.<sup>91</sup> A escritora era parte daquela elite que não desamparou ou achava que não devia desamparar seu povo em tempos de tragédias; ao mesmo tempo, não via a questão do paternalismo como um problema, mas sim como solução. O problema estaria naqueles senhores que se negavam a cumprir seu papel de protetores e que acabaram deixando seu povo ir embora, migrando para o Sudeste. Estes dois personagens aparecem n’*O Quinze*: Vicente, o fazendeiro que não abandona seu povo; e Dona Marocas, que deixa Chico Bento e sua família ao “Deus dará”, levando-os à única saída possível, que era se retirar de Quixadá para Fortaleza e, depois, para São Paulo.

Agora, vamos analisar como Rachel de Queiroz construiu sua seca, sua natureza e seu sertão; que Nordeste é esse que ela ajudou a inventar, entendendo, com isso, como a literatura pode nos ajudar a perceber o mundo que esses literatos construíram e no qual estavam inseridos. Como pensam os historiadores Sidney Chalhoub e Leonardo Affonso de Miranda Pereira, “é preciso desnudar o rei, tomar a literatura sem reverências, sem reducionismos estéticos, dessacralizá-la, submetê-la ao interrogatório sistemático que é uma obrigação do nosso ofício” (CHALHOUB; PEREIRA, 1998, p. 7).

Trabalharemos com o conceito de representação, já que é isto que Rachel de Queiroz cria em seu *O Quinze*, representações sobre o sertão e as mulheres nordestinas. Representações como pensa Roger Chartier:

As representações do mundo social, assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. [...] As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por isso esta investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e dominação. As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são seus, e o seu domínio. Ocupar-se dos conflitos de classificações ou de delimitações não é, portanto, afastar-se do social –

<sup>91</sup> Os campos de concentração em Fortaleza eram locais para os quais o governo do Estado enviava os flagelados da seca. No caso específico da seca de 1915, para o lugar chamado Alagadiço na zona oeste da capital. A ideia era manter sob vigilância da polícia os retirantes para que não provocassem tumultos na cidade e acreditava-se também que sua presença nas áreas centrais poderia enfeiar a cidade e trazer doenças. Esses campos de concentração recebiam ajuda do governo e da sociedade “caridosa”, como é o caso da personagem Conceição. Sobre o assunto, ver: Neves, 1995; Rios, 2001.

como julgou uma história de vistas demasiado curtas. (CHARTIER, s/d, p. 17).

Pensando o conceito como ponto de tensão entre o mundo representado e o que Rachel de Queiroz pretendia instituir a partir de sua literatura, é que compreendemos que as imagens aqui colocadas serão sempre ponto de embate e reflexão, e, também, de interpretações polissêmicas que estão inseridas em uma realidade histórica sempre processual, sempre em construção e em disputa. Dizer isso não significa que negamos a capacidade que a literatura tem de nos informar sobre o mundo social que ela cerca e pelo qual ela é cercada.

### **O sertão, a paisagem, a natureza**

A relação dos homens e mulheres com a natureza também é uma construção histórica que se modificou ao longo dos tempos e das culturas. As relações entre o campo e a cidade, ou dos diversos movimentos ecológicos que hoje pregam a necessidade da preservação de parques, espécimes de animais e uma atitude mais responsável em relação ao meio ambiente, também têm uma História. Como nos colocou Keith Thomas em *O homem e o mundo natural* (THOMAS, 2010), essas relações nem sempre foram o que são hoje; nosso olhar sobre os campos e as cidades se modificou ao longo dos anos. A imagem que temos hoje do campo como um lugar bucólico ou de inocência foi arduamente construído e reconstruído na literatura inglesa, que é a literatura que Thomas analisa, mas também podemos pensar isso em relação ao Brasil. A analogia entre o campo e a cidade e suas diversas mutações também já foram brilhantemente analisadas por Raymond Williams, em *O campo e a cidade na história e na literatura* (WILLIAMS, 2011), também tomando a literatura inglesa como ponto de partida.

No Brasil, Durval Muniz de Albuquerque pensou essa relação, mas numa perspectiva de entender o que ele denominou como *A invenção do Nordeste*. Durval Muniz utilizou a literatura regionalista de 1930 para compreender como os escritores ajudaram a construir ou inventar uma ideia e uma imagem de Nordeste, que fossem da terra seca, rachada, da caatinga, do clima inóspito, da natureza brutalizada e brutalizadora dos homens (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2011).

Em nosso caso específico, interessa compreender como Rachel de Queiroz construiu a sua imagem de Nordeste e de seca, quais mecanismos a escritora usou para construir essas imagens no seu *O Quinze*. Claro que sabemos que este não foi o único romance de Rachel tratando do tema, e nem foi o primeiro dentro da própria literatura brasileira a falar da seca, mas acreditamos que *O Quinze* é bastante emblemático e nos ajuda a refletir sobre tal temática.

A história amorosa de Conceição e Vicente, a professora de Fortaleza e o vaqueiro do Quixadá, entremeada com a narrativa sobre a família de Chico Bento e sua retirada do sertão, nos deixa entrever um pouco desse Nordeste que Rachel de Queiroz inventou. Vamos a ele:

O céu, transparente que doía, vibrava, tremendo feito uma gaze repuxada. Vicente sentia por toda parte uma impressão ressequida de calor e aspereza. Verde, na monotonia cinzenta da paisagem, só algum juazeiro ainda escapou à devastação da rama; mas em geral as pobres árvores apareciam lamentáveis, mostrando os cotos dos galhos como membros amputados e a casca toda raspada em grandes zonas brancas. (QUEIROZ, 1989, p. 17).

Sequidão, devastação, membros amputados, grandes zonas brancas, calor, aspereza, céus transparentes. Todas essas imagens nos remetem ao sertão de Quixadá no Ceará inventado por Rachel de Queiroz; hoje, essas imagens se tornaram, podemos afirmar, quase que canônicas quando pensamos o Nordeste, ou aquilo que esperamos ser

Nordeste. Retirando as imagens turísticas do litoral, todo o resto que pensamos imediatamente nos remete a isso.

Importante perceber que, como salientou Ítalo Calvino, em seu *Por que ler os clássicos*, clássico é aquele livro de que todos conhecem a história, mesmo sem que se tenha lido um dia (CALVINO, 1993). Dessa forma, o sertão que Rachel constrói em seu *O quinze* seria “clássico” para nós e nos é familiar porque foi criado por ela e pela literatura regionalista que ela ajudou a compor. Se as imagens de sequeidão, aspereza, terra rachada remetem ao que pensamos do Nordeste ou do sertão, mais especificamente, isso foi fruto de uma construção histórica e literária.

Esse sertão que nos parece tão familiar, tão próximo de nós, porque exaustivamente visto nas retinas de nossas lembranças de um lugar que nunca visitamos, mas sim porque já o vimos pela TV, pela internet, nas músicas, na literatura, nos livros de geografia e história.

O sertão de Rachel em *O Quinze* é um sertão nosso parente, nosso velho conhecido, embora nunca tenhamos nos encontrado. O poder da imagem canônica é também a ilusão que ela nos traz de conhecimento, de pertença. Mas é preciso lembrar que, para uma imagem ou um discurso se tornar clássico, foi preciso um tempo de anos e anos de sedimentação, de repetição desse discurso, dessa imagem. É preciso que nossas retinas se cansem de ver a imagem e nossos ouvidos se exauram de ouvir os discursos, para que tenhamos a falsa sensação de que o novo já nasce velho. E acabamos por perder o exato momento da criação desse discurso e dessa imagem, de modo que, quando encontramos sua fonte ou origem, pensamos ser simulacro. Rachel de Queiroz não criou essa imagem de sertão sozinha, ela é herdeira de Euclides da Cunha, herdeira das narrativas orais que ouviu sobre a seca; e a imagem segundo a qual representa o sertão, a natureza representada neste romance também está eivada daquilo que a autora leu, sonhou e ouviu dizer, assim como do que se pensava no seu tempo sobre as relações entre campo e cidade. Como aponta o geógrafo Antonio Carlos Roberto Moraes, “o sertão não é, portanto, uma obra da natureza [...]. Na verdade, o sertão não é um lugar, mas uma condição atribuída a variados e diferenciados lugares” (MORAES, 2002-2003, p. 6). Pensando como o geógrafo, o sertão foi e é histórica e literariamente construído.

Em plena década de 1930, o Brasil ainda era um país de economia predominantemente agrário-exportador. No entanto, já havia por parte do governo de Getúlio Vargas um ímpeto industrializador, um discurso de desenvolvimento e de modernização. O Norte e o Nordeste já haviam perdido, há muito, seu lugar de privilégio e primazia dentro da economia do país – economia ainda fortemente cafeeira mas que já se encaminhava e sentia necessidade de se industrializar, por isso a retirada de milhares de imigrantes nordestinos para São Paulo, onde se falava na maior oportunidade de vida e na construção de uma cidade mais rica e mais civilizada. Dentro desse contraste podemos perceber como a ideia de natureza vai se afastando da forma como os românticos a viram no Brasil, ou seja, como espaço de imensa beleza. O campo era visto cada vez mais como lugar do atraso, da rudeza e da incivilidade, como aponta Rachel de Queiroz: “Vicente, sempre fora assim, amigo do mato, do sertão, de tudo o que era inculto e rude” (QUEIROZ, 1990, p. 20).

A mesma imagem é também formada sobre a Amazônia, primeiro lugar que Chico Bento pensou em ir se retirar:

A voz lenta e cansada vibrava, erguia-se, parecia outra, abarcando projetos e ambições. E a imaginação esperançosa aplanava as estradas difíceis, esquecia saudades, fome e angústias, penetrava na sombra verde do Amazonas, vencida a **natureza bruta, dominava as feras** e as visagens, fazia dele rico e vencedor. (QUEIROZ, 1989, p. 46, grifos nossos).

Embora a mata amazônica e a caatinga fossem esteticamente diferentes, o que as unia no olhar de Rachel era o seu estado de natureza bruta, primitiva e rude. A primeira porque ainda não estava totalmente domada pelos homens, a segunda porque sua essência a impossibilitava de ser domada. Ao contrário, ela era domadora de homens. Por isso, o

sertanejo “era antes de tudo um forte”, porque se ajustava àquela paisagem árida e conseguia conviver com essa natureza selvagem que, de alguma forma, se entranhava nos homens. Vicente assim pensava:

Recordava sua obscura irritação ao ouvir Paulo fazer referência a certas mulheres que ele nunca vira, aos meios em que nunca se aventurara, receando que sua grossa casca de matuto destoasse demais, ou rudemente se chocasse com a delicada sofisticação do outro... E toda sua vida de **prazeres primitivos** e ingênuos, seus amores **quase rústicos**, sempre lhe pareciam diante de Paulo, como qualquer coisa de **grosseiro e inferior...** (QUEIROZ, 1989, p. 46, grifos nossos).

Ao se comparar ao seu irmão Paulo, formado em Direito, Vicente se sentia inferiorizado e suas características foram construídas como rústicas, grosseiras, primitivas. Rachel de Queiroz construiu a narrativa de uma forma na qual, por muitas vezes, a imagem da natureza associava-se a estas características. No entanto, o texto de Rachel não vê esse fator somente como negativo, a força da natureza selvagem e preservada também se construiu como uma imagem de grandeza do próprio sertão e do sertanejo na figura de Vicente: “Foi lhe grato por essa simpatia. Perdeu com ela a timidez receosa que o entravava. E abriu-lhe o seu coração de menino crescido depressa demais, onde dormia concentrada, muita energia desconhecida, muita **força primitiva e virgem**”. (QUEIROZ, 1989, p.47, grifos nossos).

A natureza, para a autora, tem uma dualidade, tanto é espaço de força, aconchego, exuberância, bem ao gosto romântico, como também é espaço de bucolismo tedioso e de atraso.

A personagem central de *O Quinze*, Conceição, parecia estar dividida entre essas duas temporalidades: presente e passado. Desejava o amor de Vicente, sertanejo, mas ao mesmo tempo achava que aquilo era pouco para ela, professora em Fortaleza, moça letrada, que andava sozinha pela cidade. A esse dilema, somavam-se os contrastes campo x cidade, natureza x civilização:

Ele lhe parecia agora como um desses recantos da mata, próximo a um riacho, num sombrio misterioso e confortante. Passando num meio-dia quente, ao trote penoso do cavalo, a gente para ali, olha a sombra e o verde como se fosse para um cantinho de céu. Mas voltando depois, numa manhã chuvosa, encontra-se o doce recanto enlameado, escavacado de minhocas, os lindos troncos escorregadios e lodosos, os galhos de redor pingando tristemente. Da primeira vez, pensa-se em passar a vida inteira naquela frescura e naquela paz; mas à última, sai-se com o coração pesado, curado de bucolismo por muito tempo, vendo-se na realidade como é agressiva e inconstante a natureza. (QUEIROZ, 1989, p. 81).

A imagem bucólica do campo desaparecia nesse trecho. O campo, demorando-se muito nele, tornar-se-ia entediante, a natureza seria até perigosa, inconstante e agressiva.

É preciso lembrar que *O Quinze* foi produzido no final da década de 1920 e publicado em 1930, momento no qual o país passava por diversas transformações, principalmente no campo econômico. Embora fosse ainda um país de economia predominantemente rural, já se demarcava uma indústria, mesmo incipiente, que se concentrava mais ao Sudeste e Sul do país e modificava sua face: de uma economia agrário-exportadora para um processo de industrialização com a consolidação da hegemonia Sul-Sudeste em detrimento de um Nordeste que caminhava a passos mais lentos.

Segundo Boris Fausto, baseando-se no censo de 1920, as principais atividades das primeiras indústrias se concentravam no setor têxtil e de alimentação. As indústrias de base “não representavam contingente apreciável” (FAUSTO, 1997, p. 37). Mesmo assim podemos dizer que o Brasil de 1930 já não era o mesmo do ponto de vista econômico. A

situação em que o Nordeste se encontrava, principalmente a região por onde a seca se alastrava, levava muitos a se retirarem para esse outro Brasil, que se delineava no Sudeste e Sul, um país urbano e que se industrializava. Foi o que aconteceu com o personagem Chico Bento que, ao retirar-se do sertão, chegou em Fortaleza e foi aconselhado a ir para São Paulo:

Lá isso é... Mas também o Amazonas, hoje, não vale a pena...Nem ao menos borracha está dando dinheiro...E no Maranhão, pelo que dizem, é mesmo que ir buscar a morte... – Por que vocês não vão para São Paulo? Diz que lá é muito bom...Trabalho por toda parte, clima sadio...Podem até enriquecer... (QUEIROZ, 1989, p. 108-109).

Chico Bento foi desestimulado por Conceição a ir para o Amazonas e o Maranhão. Mesmo que estes dois estados tivessem vivido um certo período de opulência, no caso da borracha no Amazonas e no Pará, e o Maranhão tivesse vivido um relativo surto industrial no final do século XIX, estas economias não se equiparavam ao que acontecia no eixo Rio-São Paulo (SARGES, 2000).

Entre os anos de 1919 e 1949, os estados que mais cresciam na indústria eram Rio de Janeiro e São Paulo. Logo se estabeleciam como locais privilegiados nos quais muitos dos retirantes nordestinos foram tentar a vida. Era comum no Ceará o envio de retirantes para o Amazonas e o Pará no final do século XIX e início do XX. Temos, por exemplo, na grande seca de 1877, o envio de muitos migrantes para estas duas regiões como aponta Edson Holanda Lima Barbosa:

Os dirigentes cearenses, utilizando como recurso para aliviar as tensões a concessão de passagens e o estímulo à migração para outras províncias, tentaram restabelecer a ordem. As províncias situadas a oeste do Ceará – Piauí, Maranhão, Pará e Amazonas – receberam a maior parte do fluxo migratório. Nos portos de chegada, os trabalhadores foram acolhidos e utilizados como força de trabalho em obras públicas, colônias agrícolas e seringais. (BARBOSA, 2015, p. 2).

No entanto, São Paulo se mostrava como uma opção melhor já pelos anos de 1915 em diante, época em que Rachel de Queiroz situou a narrativa de *O Quinze*. Como indicam Nara Azevedo e Luíz Otávio Ferreira:

Atraídos por uma fabulosa acumulação de recursos, de oportunidades na indústria e no comércio ou vislumbrando a possibilidade de enriquecimento, multidões de famílias e indivíduos acorreram a São Paulo, vindos de todas as partes do Brasil e de diversos pontos do mundo. (AZEVEDO; FERREIRA, 2006, p. 227).

Do sertão cearense a São Paulo, a cidade que se urbanizava e se industrializava, mais uma vez a dicotomia entre o campo e a cidade aparecia no romance.

Por fim, temos uma última imagem de natureza que aparece n' *O Quinze*: uma caatinga que redescobre a chuva e que se modifica depois das primeiras águas, retomando a imagem de uma natureza verdejante que tudo poderia oferecer aos homens e mulheres nordestinos, principalmente, esperança. Esperança de dias melhores:

A caatinga despontava toda em grelos verdes; pauis esverdeados, dum sujo tom de azinhavre líquido, onde as folhas verdes das pacaviras emergiam, e boiavam os verdes círculos de aguapé, enchiam os barreiros que marginavam os caminhos. Insetos cor de folha – esperanças – saltavam sobre a rama. E tudo era verde, e até no céu, periquitos verdes esvoaçavam gritando. O borralho cinzento do verão vestira-se todo de esperança. (QUEIROZ, 1989, p. 144).



A narrativa de Rachel de Queiroz sobre o sertão e sua natureza oscila entre as características físicas e embrutecedoras e as paisagens bucólicas, de um verde estupendo que toma a caatinga nos períodos de inverno. Essa oscilação parece também transparecer nos personagens, principalmente na personagem central, Conceição. Sobre ela e outras mulheres que aparecem no romance trataremos agora.

### **A mulher, as mulheres n'O Quinze**

É praticamente impossível pensar *O Quinze* de Rachel de Queiroz e não refletir sobre as mulheres que aparecem nos romances. Afinal, as personagens femininas são, em toda a obra, elementos fortíssimos que tomam conta da narrativa. Aqui analisaremos as construções das personagens femininas no romance, assim como os discursos sobre as mulheres que Rachel de Queiroz construiu em seu livro e que, de certa forma, representavam o ideário sobre o mundo feminino nas décadas de 1920 e 1930 em Fortaleza e no sertão cearense.

As mulheres do início do século XX, no Brasil, tiveram que enfrentar um mundo que se transformava rapidamente, mas ao mesmo tempo ainda estava muito fechado para elas, principalmente para aquelas mulheres de classe média, que esperavam ter uma participação mais ativa no meio social.

Ao mesmo tempo em que eram encorajadas a participarem mais ativamente do meio social, eram também vistas com muita preocupação e reserva. Um país eminentemente machista e misógino que entendia que, para as mulheres, “piedade, pureza, submissão e domesticidade eram as virtudes máximas a serem verificadas” (SAMARA, 1997, p. 33). A construção dos personagens femininos n' *O Quinze* passou por uma série de olhares que eivavam a imagem da mulher no início do século XX, no Brasil e no Nordeste.

Para termos uma noção relativa sobre essa experiência de ambivalência, podemos tomar a notícia publicada no jornal *A Esquerda*, de Fortaleza, em 1928:

#### **O CHEFE PROIBE AS MULHERES ATÉ DE CUSPIREM**

As chamadas ordens e circulares policiais constituiriam um capítulo risível, se na maioria das vezes não representassem atestados manifestos – irritantes e grotescos- às liberdades individuais. Então, quando a polícia entra a legislar sobre costumes, é um Deus nos acuda. Afasta, que lá vem besteira. [...] O delegado ou chefe de Polícia da terra, que é também um zeloso da D. Moralidade, baixou a pena na dita cuja e daí saiu um “Aviso” ou coisa que melhor nome tenha, o qual já pregado nas paredes de certas casas suspeitas da cidade. A literatura vicentina é assim: “DE ORDEM DO SR. DR. CHEFE DE POLÍCIA- É expressamente proibido chegar ou estacionar as janelas seja a qualquer hora que for da noite ou do dia. Não colocar na janela roupão de banho, toalhas ou outro qualquer objeto. Não atirar na janela água e nem cuspir. Não fazer algazarra ou falar alto nos quartos quer de dia ou qualquer hora da noite. A proprietária pede as suas inquilinas ou visitante o especial obsequio de respeitarem este aviso a fim de evitar qualquer desgosto. (A ESQUERDA, 1928, p. 6).

Torna-se evidente que o aviso está diretamente voltado para as mulheres meretrizes de Fortaleza, visto que se falava de quartos com inquilinas e seus “visitantes”, mas também configura-se enquanto aviso de como as mulheres deveriam se comportar de forma geral, ou seja: não se colocar nas janelas ou não estender roupas de banho ou tolhas nessas mesmas janelas para não lembrar dessa forma seu corpo e sua sexualidade, não conversar alto, e, o mais absurdo para o jornal, “não cuspir”. Estamos falando de um jornal que se colocava como um veículo de “esquerda”, de tom mais liberal e moderno, e é por isso que a notícia vem com tom da crítica ao aviso. Contudo, o aviso delineia aquilo que diz sem dizer, isto é, o que era permitido às mulheres e o que lhes era vedado. Se não se comportassem da forma considerada adequada, ou civilizada, não corresponderiam ao que se esperava delas, ainda que se tratasse de meretrizes.

Era neste país que mudava sem avançar, preso ainda a muito tradicionalismo, patriarcalismo e machismo, que Rachel de Queiroz se situava, e, da mesma forma, situava seus personagens. A obra da escritora está imbuída deste tom ambivalente: ao mesmo tempo em que muitas personagens da literatura de Rachel de Queiroz podem ser lidas como rebeldes e até revolucionárias, em algum momento da trama, se veem presas ao discurso conservador que negam sem denunciar ou denunciam sem negar.

Era assim que a personagem principal, Conceição, aparecia como professora primária na cidade de Fortaleza:

Conceição tinha vinte de dois anos e não falava em casar. As suas poucas tentativas de namoro tinham-se ido embora com os dezoito anos e o tempo de normalista; dizia alegremente que nascera solteirona. Ouvindo isso, a avó encolhia os ombros e sentenciava que mulher que não casa é um aleijão... - Essa menina tem umas ideias! Estaria com razão a avó? Porque, de fato, Conceição talvez tivesse umas ideias, escrevia um livro sobre pedagogia, rabiscara dois sonetos, e às vezes lhe acontecia citar o Nordau ou o Renan da biblioteca do avô. Chegara até a se arriscar em leituras socialistas, e justamente dessas leituras é que lhe saíam as piores tais ideias, estranhas e absurdas à avó. (QUEIROZ, 1989, p. 13).

Conceição exercia uma função relativamente aceita para as mulheres de seu tempo, que era ser professora primária, como atesta Rachel Alves ao estudar o papel das professoras na década de 1920, em Fortaleza, já que era pensado que a função de professora se enquadrava no que se esperava das mulheres do período:

A elaboração do perfil de educadora ganhava impulso na valorização das características femininas como a paciência, o altruísmo, e da relevância com a função da mulher no lar. A influência mantida pela mãe para com o filho deveria ser mantida pela professora como uma maneira de estender a ação da mulher como educadora da família nacional. (ALVES, 2009, p. 27).

Visto com relativa naturalidade, ser professora encaixava-se assim no que se desejava para as mulheres: ser mãe, educadora dos filhos e cuidadora do marido. As professoras, mesmo que solteiras, podiam dessa forma exercer a função maternal que lhes era destinada, educando as crianças de outrem, formando bons cidadãos para a pátria.

No entanto, quando essas mesmas educadoras se arvoraram de ideias consideradas revolucionárias, de discursos não permitidos, da escrita de textos e da leitura de autores considerados perigosos, como Nordau e Renan, e até mesmo autores socialistas, as coisas pareciam sair do lugar. Ser professora primária e ensinar as crianças a lerem e a obedecerem aos princípios da pátria era bem visto. Ter ideal de independência, escrever livros de pedagogia e ler autores considerados revolucionários, entretanto, era visto como perigoso. Tal perigo acabaria afastando Conceição da possibilidade do casamento, o que para a avó, que era uma mulher dos tempos antigos, da tradição, era como se fosse uma espécie de aleijão. Uma mulher que não se casava, que não tinha filhos, significava algo como agir contra a natureza, uma falha, algo que não deu certo.

Não por acaso a formação secundária, não religiosa, para mulheres no Ceará, só ocorreu a partir da criação da Escola Normal, em 1884. Nesse estabelecimento de ensino, eram ministradas às meninas aulas de Língua Portuguesa, Língua Francesa, Matemáticas Elementares, Geografia e História, Noções Elementares de Ciências Naturais, Pedagogia e Metodologia. Disciplinas voltadas para a formação de professores do ensino primário, devido à carência que o setor sofria. A maioria das mulheres formadas na Escola Normal atuava na cidade como professora primária, profissão então considerada, como já apontamos, mais adequada às mulheres, naturalizando-se a "aptidão feminina" para educar crianças em escolas primárias como extensão possível das suas atividades domésticas. Isso não quer dizer, como analisa Zilda Maria Menezes Lima, que a Escola Normal e as normalistas não sofressem preconceitos:

Não é muito difícil compreender as resistências a uma escola que visava formar mão de obra feminina para o mundo do trabalho em educação. Numa época em que as mulheres deveriam pensar em casamentos e filhos, não era interessante estimular espaços para as mulheres no mercado de trabalho, onde teriam que fatalmente abandonar o lar para dedicar-se a profissão. Daí a ambiguidade do papel da Escola Normal numa sociedade que rogava a chegada do progresso e da civilidade, mas não admitia mudanças comportamentais, principalmente se essas mudanças se originassem dos segmentos femininos. (LIMA, 1999, p. 37).

N'O *Quinze* de Rachel de Queiroz, ainda percebemos vestígios dessa mentalidade que atravessou o século XIX e entrou no XX, talvez até possamos falar que em pleno século XXI, as mulheres sábias ainda provoquem certo desconforto e desconfiança.

Vicente, jovem sertanejo que era apaixonado por Conceição, a via ainda um pouco com este olhar. Na visita que foi fazer a ela em Fortaleza, partiu com o seguinte sentimento:

Quando, saiu, ia debaixo dum sentimento de desgosto, vago, mas opressivo. Por que estava Conceição tão longínqua e distraída? E ao fim da visita, quando ela falava sobre o efeito da seca na cidade, pareceu-lhe até pedante. Tinha na voz e nos modos uma espécie de aspereza espevitada, característica de todas as normalistas que conhecia. (QUEIROZ, 1989, p. 80).

Uma mulher com conhecimento causava certo desconforto. Na trama, sabemos que Conceição agia dessa maneira com Vicente por ter ciúmes dele, mas o personagem não sabia disso e remetia o tratamento "pedante" ao fato de ser ela uma normalista. O conhecimento, o saber, o ensino pareciam não fazer parte das características consideradas admiráveis em uma mulher. O conhecimento excessivo não era bem visto, ainda mais se parecia amesquinhar o homem.

A própria personagem construída por Rachel de Queiroz remetia ao distanciamento que poderia se formar entre ela, professora, e Vicente, vaqueiro, caso viessem a formar matrimônio:

Pensou no esquisito casal que seria o deles, quando à noite, nos serões da fazenda, ela sublinhasse num livro querido um pensamento feliz e quisesse repartir com alguém a impressão recebida. Talvez Vicente levantasse a vista e lhe murmurasse um "é" distraído por detrás do jornal... Mas naturalmente a que distância e com tanta indiferença... (QUEIROZ, 1989, p. 81-82).

Outro ponto importante tocado pela autora foi a questão de a mulher de elite e classe média não poder andar sozinha. Existe ambivalência nesta fala, vejamos:

- Só? Eu sempre ando só! Tinha que ver, de cada vez que fosse à escola, arranjar uma companhia..- Pois eu pensei que não se usava uma moça andar só, na cidade. Dona Inácia juntou: - Agora é assim.. eu também estranhei...Conceição continuava a rir: - Mas eu, é porque sou uma professora velha, que vou para o meu trabalho! Uma mocinha bonitinha não passeia só, não! Ele ainda disse levado pelo seu zelo de matuto:- Pois mesmo assim, sendo professora velha, como você diz, se eu lhe mandasse, só deixava sair com um guarda de banda... (QUEIROZ, 1989, p. 77).

Esse tom ambivalente, na qual a personagem mostrava que sendo professora não precisaria ou poderia arrumar uma companhia toda vez que fosse à escola, e, ao mesmo tempo, a fala do matuto Vicente, apontando que, se ele "lhe mandasse", ela não andaria sozinha, reverberava um pouco o que essa geração de mulheres professoras da classe

média viveu. Ao mesmo tempo em que acreditavam e lutavam por certa autonomia, também se sentiam solitárias, ainda presas a preceitos conservadores que apontavam que as mulheres precisavam andar acompanhadas, precisavam de um marido, um casamento, um filho. A mulher sozinha era como um “aleijão”. Rachel de Queiroz soube como ninguém trabalhar esse tom ambivalente no seu *O Quinze*.

Por fim, outro ponto tocado pela escritora foi a questão da maternidade ou da falta dela em relação a essa mulher professora e letrada. Conceição não tinha filhos, acabou adotando uma criança, acabou por não cumprir biologicamente aquilo a que o seu corpo supostamente estava predestinado. A questão da maternidade como uma necessidade biológica para a mulher foi longamente discutida no texto já clássico de Elisabeth Badinter *O mito do amor materno* (BADINTER, 1985), no qual a autora discorre sobre a questão cultural formada no Ocidente sobre a suposta “predestinação” de todas as mulheres serem mães:

Afinal, o verdadeiro destino de toda mulher é acalentar uma criança no peito... E sentia no seu coração o vácuo da maternidade impreenchida...(...) Seria sempre estéril, inútil, só...Seu coração não alimentaria outra vida, sua alma não se prolongaria noutra pequenina alma...Mulher sem filhos, elo partido na cadeia da imortalidade...Ai dos sós...(QUEIROZ, 1989, p. 80.).

A maternidade, mesmo que não obrigatória, se tornou para Conceição uma necessidade. Ainda que letrada, ela não conseguiu desvencilhar-se da ideia que impregnava a sociedade de seu tempo, ou seja, que uma mulher sem filhos era como algo contrário à natureza. Com isso, resolveu este problema adotando uma criança. Outros “problemas” que se colocaram ela não conseguiu ou não quis resolver, como o do não casamento.

Acreditamos que Conceição não fosse uma personagem de traços evidentemente feministas. Apostamos mais numa ambivalência desta personagem, como já apontamos entre o novo e o velho. Casar ou não casar? Ser ou não ser mãe? Dividida entre o seu mundo e o da avó, Conceição seguia sua sina...

### **Considerações finais**

Como vimos, Rachel de Queiroz construiu em seu romance *O Quinze* um texto em que vários elementos da mulher da classe média brasileira em transição das décadas de 1920 e 1930 apareciam, como a angústia interna de se profissionalizar como professora, no caso de Conceição, e conseguir pleitear um casamento, ser mãe e constituir família, destino comum às mulheres, pelo menos àquelas pertencentes à elite e à classe média, às quais a própria autora pertencia.

Por outro lado, *O Quinze* é romance social, revela o Ceará sertanejo e marcado pela seca, com a família de retirantes cearenses que vai em busca de uma vida melhor em Fortaleza e depois em São Paulo.

No entanto, não avança nas possibilidades de modificação do meio social. A seca é vista como mazela climática, nos quais os “bons fazendeiros” amparam sua gente, enquanto os “maus” a deixam à revelia. A seca é tratada como catástrofe climática, na qual pouco ou nada se há para fazer, a não ser esperar a mão do destino. Os bons fazendeiros, entre os quais Vicente se encontra, permanecerão no sertão. As alternativas sociais são vistas pelo viés da caridade dos bons senhores e senhoras fazendeiras. A própria Conceição ajuda os retirantes em Fortaleza. É uma visão senhorial sobre a seca e a miséria, segundo a qual o protagonismo dos pobres praticamente não existe. Eles atuam se retirando e recebendo ajuda dos fazendeiros ou de suas filhas. Não se rebelam com a condição social em que estão inseridos, mas conformam-se e agradecem a ajuda recebida pelos bons senhores e senhoras.

Por fim, mostramos também as diversas paisagens que aparecem desta natureza, bem como a dicotomia entre o campo e a cidade que a autora construiu. Por um lado, o campo associa-se à inocência, ao bucolismo, enquanto a cidade é fonte de males. Por outro, a natureza aparece como selvageria e atraso, tornando o mundo de Conceição e

Vicente incomunicáveis. Como a professora letrada de Fortaleza poderia casar-se com o matuto Vicente? O que conversariam? O que teriam em comum? Esta incomunicabilidade torna o romance impossível e promove aos dois um desenlace infeliz.

### Referências bibliográficas

ADONIAS FILHO. **O romance brasileiro de 30**. Rio de Janeiro: Bloch, 1969.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2011.

ALVES, Raquel da Silva. **Mães da pátria**. Educadoras na terra da Luz: o ensino primário no Ceará na década de 1920. 2009. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

AZEVEDO, Nara; FERREIRA, Luíz Otávio. Modernização, políticas públicas e sistema de gênero no Brasil: educação e profissionalização feminina entre as décadas de 1920 e 1940. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 27, p. 213-254, jul./dez. 2006.

BARBOSA, Edson Holanda Lima. Retirantes cearenses na província do Amazonas: colonização, trabalho e conflitos (1877-1879). **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 35, n. 70, p. 131-155, jul./dez, 2015.

BUENO, Luís. **Uma história do romance de 30**. São Paulo; Campinas: EDUSP; Editora da Unicamp, 2006.

CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CAMINHA, Adolfo. **A normalista**. Fortaleza: Edições ABC, 1999.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes do fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (Orgs.) **A história contada**. Capítulos de História social da literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, s/d.

CHIAPPINI, Lígia. Rachel de Queiroz: invenção do Nordeste e muito mais. In: \_\_\_\_\_. **Literatura e cultura no Brasil: identidades e fronteiras**. São Paulo: Perspectiva, 2002. p. 157- 176.

DOURADO, José Ribamar; BOCLIN, Roberto Guimarães. **A indústria do Maranhão: Um novo clico**. Brasília: IEL, 2008.

DUARTE, Eduardo de Assis. Classe e gênero no romance de Rachel de Queiroz. In: \_\_\_\_\_. **Literatura, política, identidades**. Belo Horizonte: Fale; UFMG, 2005. p. 105-112.

FAUSTO, Boris. **A revolução de 1930: historiografia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

FERREIRA, Raquel França dos Santos. **“A última página” de O Cruzeiro: crônicas e escrita política de Rachel de Queiroz no pós-64**. 2015. Tese (Doutorado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2015.

GUERELLUS, Nátalia de Santanna. **Como um castelo de cartas: culturas políticas e a trajetória de Rachel de Queiroz (1910-1964)**. 2015. Tese (Doutorado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2015.

- HOLLANDA, Heloísa Buarque. O éthos Rachel. In: INSTITUTO MOREIRA SALLES. **Cadernos de Literatura Brasileira**: Rachel de Queiroz. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 1997. p. 103-115.
- HOUAISS, Antônio. Memorial de Maria Moura. **Jornal do Comércio**, Rio de Janeiro, p. 4-6. 6 out. 1992.
- JORNAL A ESQUERDA, Fortaleza, 25 de janeiro de 1928, Ano I, n. I, p. 6. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=720992&PagFis=1&Pesq=>>>. Acesso em: 14 dez. 2016.
- LIMA, Zilda Maria Menezes. **Mulheres de romance**: perfis femininos da cidade de Fortaleza (1880-1900). 1999. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1999.
- MARTINS, Wilson. Rachel de Queiroz em perspectiva. In: INSTITUTO MOREIRA SALLES. **Cadernos de Literatura Brasileira**: Rachel de Queiroz. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 1997. p. 69-86.
- MORAES, Antonio Carlos Robert. O sertão: um “outro” geográfico. **Terra Brasilis**, Rio de Janeiro, n. 4-5, p. 1-8, 2012.
- MUZART, Zahidé Lupinacci (Org.). **Escritoras brasileiras do século XIX**. Florianópolis: Mulheres, 1999. V. 1.
- NEVES, Frederico de Castro. Curral dos bárbaros: Os campos de concentração no Ceará. (1915 e 1932). **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 15, n. 29, p. 93-122, 1995.
- OLIVEIRA, Gilberto Gilvan de Souza. **“O livrinho que desencadeou o resto”**: circulação e produção do romance O Quinze de Rachel de Queiroz pela livraria José Olympio Editora (1948-1990). 2017. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.
- QUEIROZ, Rachel de; QUEIROZ, Maria Luiza de. **Tantos anos**. São Paulo: Editora Siciliano, 1998.
- QUEIROZ, Rachel. **O Quinze**. São Paulo: Círculo do Livro, 1990.
- \_\_\_\_\_. Depoimento sobre “O Quinze”. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 22, n. 3, p.35-38, set.1987.
- RIOS, Kênia Sousa. **Campos de concentração no Ceará**: isolamento e poder na seca de 1932. Fortaleza: Museu do Ceará; Secretaria da Cultura, 2001.
- SAMARA, Eni de Mesquita. **As ideias e os números do gênero**. Argentina, Brasil e Chile no século XIX. São Paulo: Fundação Vitae, 1997.
- SARGES, Maria de Nazaré. **Belém**: riquezas produzindo a belle époque (1870-1912). Belém: Paka-Tatu, 2000.
- THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural**: mudanças de atitudes em relação as plantas e aos animais, 1500-1800. São Paulo. Companhia das Letras, 2010.
- VIVEIROS, Jerônimo. **História do comércio do Maranhão**. São Luís: Associação Comercial do Maranhão, 1954.
- WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade na história e na literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

Recebido em novembro de 2017.  
Aprovado em dezembro de 2018.